



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/issue/view/2>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2017 by Portuguese-Language Network of Urban Morphology (PNUM). All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

PERSPETIVAS

Debate sobre temas fundamentais
em morfologia urbana

A tipologia dos traçados urbanos como indicador de poderes concentrados ou dispersos

Evandro Ziggiatti Monteiro, Universidade Estadual de Campinas, Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo, Campinas - SP, 13083-970, Brasil. E-mail: evanzigg@g.unicamp.br

Sejam as ruínas do vale do Ur, ou do Nilo, ou da Mesopotâmia, ou por outro lado, a visão de satélite de nossas cidades e zona rural, não há espaço tocado pelo ser humano, na superfície do planeta, que não denote alguma estratégia de ocupação do território. Há sempre estratégia nos assentamentos humanos, embora o domínio e controle de um território possa ocorrer sem que seja feito através de uma forma previamente calculada e delineada, ou seja, sem que haja planejamento. Tribos indígenas escolhem cuidadosamente o local de suas aldeias, ocupando e marcando o território. Rykwert (2006) descreve que toda nova cidade do império romano só era fundada após uma série de confirmações ritualísticas mas que na prática traziam indícios da salubridade do sítio escolhido, para então proceder à marcação do *cardo*, do *decumanus* e dos limites da futura urbe. A conquista de um território nunca é um ato desprovido de assertividade. Não é uma tarefa branda, corriqueira. É um ato de força, realizado por seres que se julgam capazes de defendê-lo. Daí a proximidade das cidades, e do urbanismo, com o poder.

Essa característica do urbanismo – tanto na gênese das cidades, quanto na sua transformação – de certa forma o associa a questões menos

nobres e mais ocultas do que o puro desenho de formas urbanas. Imediatamente ligado ao domínio do território sempre estivera ligada a questão de quem domina e de quem é dominado (Foucault, 2004 [1975]), e evidentemente muito mais o conceito do panoptico e da simbologia do poder do que um desenho idílico da paisagem. Cada cidade representa uma concentração de poderes sociais, políticos, econômicos, seja de hegemonia, de equilíbrio, ou de embate. Algo que com certeza pode ser percebido na forma urbana. Além disso, as cidades se diferenciam também pela necessidade, inerente a cada cidade, de ser única. Colméias e formigueiros são sempre iguais, como não são os agrupamentos humanos. Isso evoca outra questão relacionada ao poder e à disputa de poder – a disputa de poder entre as cidades. Esse aspecto também reflete na forma urbana.

É possível, através da forma da cidade, perceber quais de suas partes refletem momentos em que os poderes estavam menos ou mais concentrados. A geometria costuma ser forte indicador de concentração do poder, embora as formas orgânicas nem sempre possam ser associadas à sua desconcentração. Também é possível identificar quando os poderes se esforçaram para dar à cidade uma forma ‘especial’ que a diferenciasses das outras cidades.

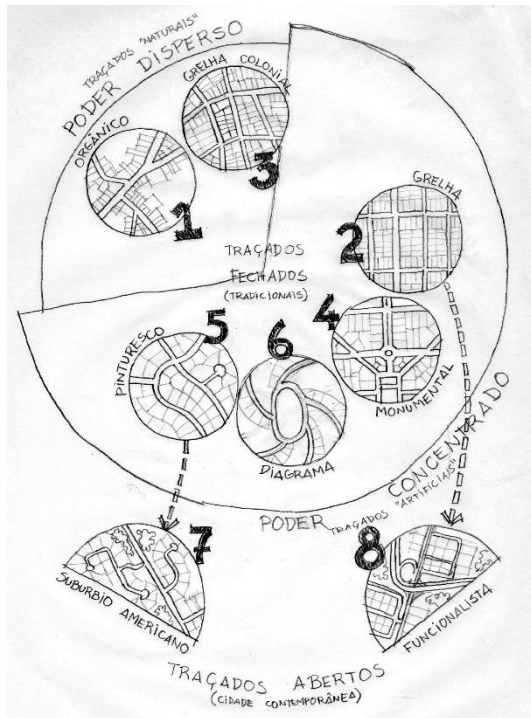


Figura 1. Diagrama de tipologia dos traçados (inspirado em Kostof, 1991).

O próprio traçado viário traz indícios desses aspectos. Uma forma de se conduzir a análise da questão do poder associada a essa dimensão Conzeniana, é a partir do trabalho de Kostof (1991), através dos quatro tipos principais identificadas por ele: os traçados orgânicos, a grelha, o traçado em diagrama e o traçado monumental. É claro que os traçados nunca devem ser tomados em sua forma pura, uma vez que ora são justapostos no palimpsesto das grandes cidades, ora combinados na mesma ou em escalas variadas (por camadas), ou ainda modificados em sua integridade com a adoção de um novo tipo que o permeie. Este último é o caso, por exemplo, das reformas de Haussmann, que desenhou elementos do traçado monumental sobre um tecido de traçado orgânico originário da Paris medieval. O fato é que as tipologias de traçado revelam muito sobre a natureza do poder que os origina (Figura 1 e Tabela 1).

Os traçados orgânicos são os mais puros de artificialidade, os que mais aderem às condições topográficas e ao sítio original, denotando processos de ocupação territorial que embora nunca desprovidos de estratégia, prescindiram de planejamento e desenho prévios (Figura 2). Nesse sentido, talvez sejam, por excelência o único tipo de traçado que reflete uma maior dispersão de poderes, tanto espacial como temporalmente, uma vez que o seu desenho prima por ter sido resultado de um processo gradual e negociado de

desenho do território. Já o traçado em grelha colonial – chamada grelha irregular, ou ‘portuguesa’ – indica que houve a presença moderada de algum princípio regulador ou planejamento, embora com menor rigidez e mais sensível também às sutilezas da topografia ou ao pré-existente. De certa forma, a grelha colonial faz a transição dos traçados de poderes mais dispersos para aqueles de poder mais concentrado. Começando pelo traçado em grelha propriamente dito, que envolveria também outros padrões geométricos regulares, e é paradigmático ao ser associado à questão do poder. Grandes impérios sempre o utilizaram como forma de impor ao território um ordenamento civilizatório que o distiguisse do ambiente selvagem e hostil. Ao longo dos séculos provou ser um desenho versátil e interessante do ponto de vista militar e econômico. Mas são os traçados monumentais que traduzem, em seu ápice, o poder concentrado. Lançam mão não apenas da ordenação baseada na geometria e na simetria, mas também o recurso da perspectiva, ao nível da rua, como forma de evidenciar os poderes institucionalizados, e hegemônicos, de forma simbólica e definitiva. Sobre o traçado pinturesco, embora seja classificado por Kostof (1991) junto aos traçados orgânicos, se considerarmos tanto a questão do planejamento, quanto a questão do poder, é preferível trata-lo em separado. O pinturesco ganha notoriedade com as reformas de John Nash para Londres, em 1812, ou mesmo no plano de Bath. É na verdade um simulacro, no qual se busca a paisagem dos traçados orgânicos com uma estrutura fundiária mais controlável, com lotes mais regulares e comercializáveis. Apropriado pelo modelo das cidades-jardim, inspira adições ao tecido urbano até hoje, nos bairros elitizados de grandes metrópoles contemporâneas. Nos subúrbios extensivos americanos, ele dá origem a uma variação aberta. E o modelo funcionalista de cidade de certa forma também cria um novo tipo de traçado, embora frequentemente ortogonal como a maioria das grelhas, mas também aberto, e muitas vezes integrados aos novos *fringe belts*.

É inquietante que Lefebvre (1999 [1970]) considere que o que salvaria o urbanismo de sua vinculação com o poder seja justamente a sua parte utópica, uma vez que essa aponta para o traçado em diagrama, talvez o mais desconfortável de todos os traçados tradicionais. Nos exemplos de cidades em que foi utilizado, desde Palmanova, passando pela minúscula Nahalal, em Israel, à exótica Auroville, na Índia, um traçado hermético e que até os dias atuais não consegue provar sua capacidade em servir de suporte a um tecido urbano real. Excetuando-se este último, o exótico diagrama, no palimpsesto

Tabela 1. Quadro síntese: traçados convencionais e sua relação com o poder

Sem planejamento institucionalizado	Planejamento flexível	Planejamento institucionalizado
Orgânico – poder disperso (desenvolvimento gradual)	Grelha colonial – poder negociado (sítio, pré-existências)	Grelha** – poder racional (militar, econômico) Monumental** – poder concentrado, simbolizado Pinturesco* – poder e paisagem Diagrama** – poder ideológico (religioso, cósmico)

(desenvolvimento com adições repentinas, ‘soluços’)

* modelo cidade-jardim **modelo funcionalista

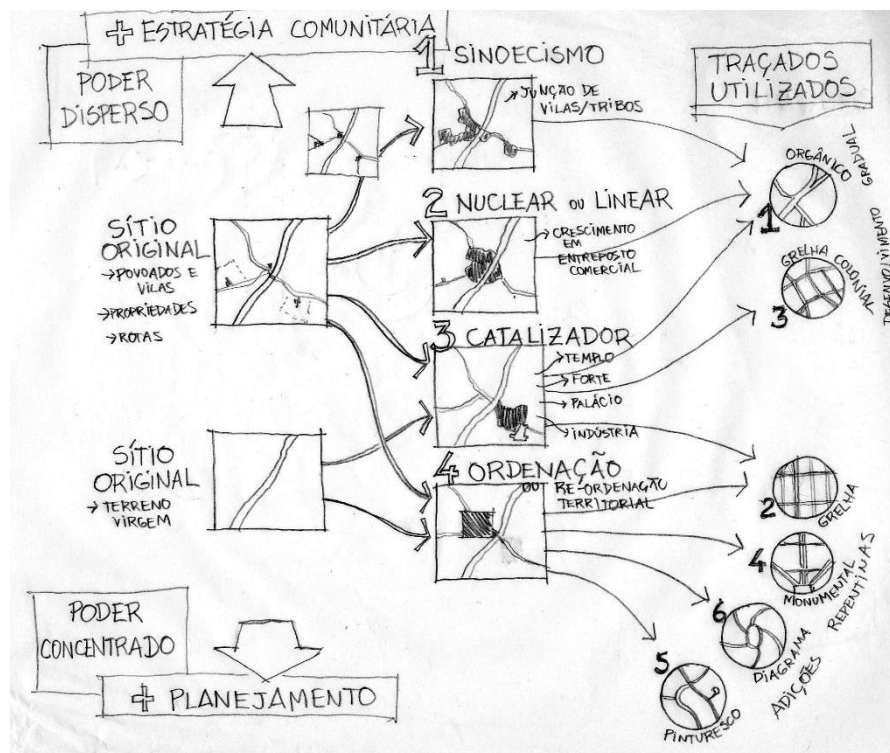


Figura 2. Diagrama descrevendo a formação de novos núcleos urbanos e a provável adoção de um modelo de traçado nos estágios iniciais de desenvolvimento, conforme os poderes sociais envolvidos (inspirado em Kostof, 1991).

das cidades e grandes metrópoles contemporâneas, é possível utilizar a tipologia dos traçados, não apenas para a caracterização das regiões morfológicas e da evolução do tecido urbano. É possível utiliza-los também como uma chave de leitura da própria história do poder na cidade, da disputa de classes sociais e grupos pela ordenação do seu território, pela construção de sua imagem simbólica: enfim a compreensão do seu urbanismo, sempre cativo dos poderes hegemônicos.

Referências

Foucault, M. (2004 [1975]) *Vigiar e punir* (Editora Vozes, Petrópolis).
 Kostof, S. (1991) *The city shaped: urban patterns and meanings through history* (Little Brown and Co., Boston).
 Lefebvre, H. (1999 [1970]) *A revolução urbana* (UFMG, Belo Horizonte).
 Rykwert, J. (2006) ‘A idéia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo’, *Estudos*, 234.